



## **HOMENAGEM**

### **Carolina Martuscelli Bori**

Sílvio Paulo Botomé<sup>1</sup>

Carolina M. Bori<sup>2</sup> é sinônimo de eternidade...

Pensar em Carolina M. Bori sempre me faz lembrar de um poema de Bertolt Brecht<sup>3</sup>...

“Há aqueles que lutam um dia e por isso são bons;  
Há aqueles que lutam muitos dias e por isso são muito bons;  
Há aqueles que lutam anos e são melhores ainda;  
Porém, há aqueles que lutam toda a vida; e esses são imprescindíveis.”

E, também sempre, a lembrança de Carolina me faz ir mais longe: há aqueles que deixam para os demais uma herança importante de luta pela vida. E esses, mesmo depois que nos deixam, permanecem imprescindíveis, muito além de suas vidas.

Carolina nos deixa realizações, instituições, contribuições humanas, uma cultura de ensino superior, de ciência como um esforço tipicamente humano para superar as adversidades, de convivência e de dedicação à construção de muitas

condições para ser possível, por todos nós, desenvolver uma vida que seja relevante e que seja realizada em esforços junto com outras pessoas.

Ela sempre foi uma profetiza... aquela que convoca para o futuro, para a realização, para os desafios que precisam ser enfrentados com esforços construtivos, mais do que apenas identificados ou reconhecidos. Ela convidava para realizar e verificar e, sempre que necessário, corrigir, aperfeiçoar e até recomeçar... Não deixava ficar abandonado o que importava, desafiando cada um a fazer alguma parte da construção necessária. A cada dia.

Em múltiplos momentos seus silêncios e esperas eram expectativas desafiadoras, a instaurar um vácuo para que ocupássemos com nossas contribuições por mais imperfeitas ou limitadas que fossem. Ela acolhia e questionava ou desafiava ainda mais. Se alguém resmungasse ou reclamasse, encontrava mais convocação e firmeza, com novos

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>2</sup> NE. A fonte da foto desse artigo é: <https://carolinabori.mec.gov.br/>

<sup>3</sup> NE. Esses versos fazem parte de *Svendborg Poems*, obra de Bertholt Brecht, publicada em 1939, versos que estão sobejamente presentes na internet, por exemplo, em [OS QUE LUTAM Há aqueles que lutam um... Bertolt Brecht - Pensador](#)

questionamentos para prosseguir. Não com pistas ou soluções fáceis, mas com mais clareza sobre o tamanho do desafio que era quase sempre maior do que imaginávamos. Carolina, antes de tudo, sempre foi convocação.

Quando a conheci... era um desafio a suposição de que ela era importante demais para aceitar um convite de primeiranistas de psicologia para uma palestra em uma “semana de psicologia organizada por estudantes<sup>4</sup>.” Ela, no entanto, recebeu o representante dos estudantes, escutou com atenção o projeto do qual a palestra faria parte em nossas atividades, tentando sermos sujeitos de nossa própria formação. Quando terminamos a exposição, ela simplesmente disse: “Aceito, eu vou!”. Na despedida deu-nos parabéns pela iniciativa e pelo plano de atividades da semana. Saímos de sua sala, surpresos e festivos. Tínhamos acabado de conhecer Carolina M. Bori.

Essa foi a primeira vez que a encontrei e, em seguida, a primeira que a vi falar para universitários cumprindo o que havia aceitado. Muitos anos depois revivi esse momento na Universidade de Brasília, acompanhando um debate em que ela questionou com firmeza as exposições dos outros dois psicólogos, participantes de uma mesa redonda, também em uma atividade promovida por estudantes. Foi memorável ver a firmeza e simplicidade com que provocava mais controvérsias e fazia desafios além do que os colegas já faziam e apresentavam. Ela não respondia a críticas para dar satisfações, ela

endossava e aumentava a crítica necessária. Frequentemente não sobrava muito de nossas crenças que antecipavam as perguntas que ela examinava e, geralmente, ampliava com seu exame.

Acompanhei seu trabalho durante vários anos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, nossa respeitada e querida SBPC. Foi sempre uma orientação de que a Ciência era serviço, era construir lucidez, era orientar o comportamento humano em relação à vida, às circunstâncias da vida e à organização da sociedade em que exercíamos essa mesma vida. Seus exames de pós-graduação sempre foram um exercício de reflexão como convocação para elaborarmos ainda, levarmos mais aspectos em conta, ampliarmos e avaliarmos nossos cálculos... Imersos em aferições de nossas contribuições, fazendo isso com expressões de encorajamento ou incentivo.

Aprendi com ela, cedo em minha formação de psicólogo, que dar nomes às atividades de alguém não era caracterizar comportamentos. Logo precisei descobrir a diferença entre esses dois conceitos. E a atividade humana, por exemplo, ficou no âmbito da fisiologia enquanto eu precisava ver e pensar no âmbito da psicologia, ao contextualizar no que e como aconteciam essas atividades e de que forma elas alteravam o que ocorria em seu entorno. Aprendi logo que uma definição de uma conduta humana não se reduz à sua estrutura ou a suas características, mas precisa contemplar o que ela,

---

<sup>4</sup> NE. Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

efetivamente, produz no mundo em que ela é realizada.

Foi assim que fez sentido para mim o conceito de comportamento operante e o que representava definir uma realização por seus resultados. No âmbito da Psicologia o conceito de comportamento exigia sua contextualização e configuração no ambiente em que era realizado e o que transformava nesse ambiente. Isso era um salto enorme no entendimento tradicional de comportamento. Não se tratava de um outro conceito ou de outro tipo de comportamento, tratava-se de mais um aspecto a considerar e, talvez, ela insinuava, questionando, o aspecto mais importante para entender esse tipo de fenômeno.

Isso me levou, com uma boa dose de insegurança a princípio e, gradativamente, com esforço e dedicação, a entender e delimitar melhor o que significavam as características do ambiente, no qual operava, para a influência que tinham na atividade humana e que precisava ser entendida em muitas aspectos e dimensões. O mundo de cada um ficou mais claro como circunstância a ser desvendada e o comportamento como sendo um misterioso resultado dessas circunstâncias, incluindo o que o próprio mundo, que construíamos com ele, alterava essas circunstâncias. Isso não só nos fazia sermos construtores do mundo que tínhamos, mas uma parte integrante do mundo com que nos defrontávamos. Era uma maneira clara de examinar e avaliar nossa própria responsabilidade pelo mundo que encontrávamos. Não era mais possível ficar passível ou inerte, à espera de

uma formação para, um dia, “ser psicólogo” ou “ser cientista”. O que fazíamos já era conhecimento e era nosso próprio comportamento. Era possível tudo isso ser objeto de avaliação e de ciência.

As duas entidades, psicologia ou ciência, não existiam sem alguém fazê-las existir. E sua existência seria exatamente o que aconteceria como resultado, mesmo com múltiplas imperfeições, que conseguíssemos com nossos próprios comportamentos. Muitas vezes, sendo nossas miseráveis realizações limitadas e até contraproducentes. Para Carolina isso não era uma “condenação” ou razão para lastimar, desanimar ou desistir. Para ela esse era o núcleo da própria descoberta e de uma nova orientação para prosseguir na direção da construção de algo melhor.

Ela era não apenas uma convocação. Era um desafio ou uma exigência. Descobri precocemente, e configurei cada vez com mais clareza, que sua característica marcante era ser alguém que criava condições para que outros participassem da construção do mundo que estava sendo nosso próprio entorno. Aos poucos, também descobri que “o mundo” começava em nosso ambiente, com suas múltiplas possibilidades de prolongamento, extensão e complexidade. Mas sempre estava ao alcance de nossas mãos. Isso me fez voltar muitas vezes a examinar o conceito de comportamento operante como sendo a característica mais humana da atividade dos organismos: o que resulta de nossas atividades também é o que nos condena ou redime como condição para prosseguir com a vida e com sua construção.

Várias vezes a vi emocionada, acompanhando, até com lágrimas, esforços de superação e conflitos em torno do trabalho de conhecimento, de ensino, de trabalho na universidade. Não era sofrimento apenas, era enternecimento pelo que acontecia e estava sendo feito, às vezes, destruído, pelo comportamento de diferentes pessoas. E isso também me parecia ser marcante em Carolina: o envolvimento com a vida a seu redor, a cada momento. Como tantos outros, quem estava próximo ganhava um mundo que nem sempre percebia. Graças à presença de Carolina e seu perene afeto pela vida, o mundo que podíamos construir emanava de seu próprio comportamento, de suas questões, de seus gestos e até de seus silêncios.

Há pessoas que apenas a pronúncia de seu nome soa como uma homenagem e um agradecimento... Pelo muito que nos deram, pelo muito que construíram, pelo muito que nos ensinaram... Por tudo que nos deixaram como uma herança para vivermos melhor do que viveríamos sem elas nos terem feito tanto bem...

Lembro muito bem de Carolina definindo esperança: é muito mais do almejar e aguardar; é construir as condições para que seja possível realizar o que importa, o que é relevante para a vida. Aprendi que esperar era fazer, era comportamento de construção...

Carolina, como uma eternidade, permanece imprescindível! Mesmo que não esteja entre nós, de alguma forma, ela sempre estará.

### **Histórico do Artigo**

Recebido: 12/12/2023.

1ª Decisão: 13/12/2023.

Aprovado: 14/01/2024.

### **APA**

Botomé, P. S., (2024). Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, 3(1), 9-12.

### **ABNT**

BOTOMÉ, Paulo Sílvio. Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. **Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo**, v.3, n.1, p. 9-12, jan. 2024.